

A Justiça e a Bondade de Deus na Bíblia: Uma Reflexão Sobre Juízo, Graça e Vingança Divina

Enquanto navegava por discussões na plataforma Reddit, deparei-me com uma pergunta que considero absolutamente legítima e recorrente no debate sobre a fé cristã, na qual tem sido muitas vezes utilizada como argumento para desmoralizar a figura divina a quem nós servimos. Eu tenho opiniões sobre esse tema, que muitas vezes acabam sendo contrárias ao que vejo ser discutido por aí. Minha percepção, não é teológica e muito menos acadêmica, mas retrata uma visão que não busca justificar ou endossar os atos de Deus, sou apenas uma pessoa que busca entender, e aqui tento transmitir aquilo que entendo a respeito da pergunta: “Por que parece que o Deus do Antigo Testamento era tão cruel e sanguinário, diferente do Novo Testamento?”.

Acredito que Jesus explica isso como sendo o tempo da bondade de Deus, previsto por Isaías.

Em Lucas 4:18-21, Jesus lê o pergaminho de Isaías 61, que diz: “Ele me enviou para anunciar que chegou o tempo em que o Senhor salvará o seu povo, que chegou o dia em que o nosso Deus se vingará dos seus inimigos.”

Acontece que Jesus para imediatamente a leitura antes de ler sobre a vingança de Deus. Isso mostra que há uma quebra de padrão do ato divino nesse tempo de bondade, mas essa quebra é cronológica, não moral.

O "Deus do Novo Testamento", que as pessoas gostam de separar do "Deus do Antigo", na verdade é o mesmo Deus que sempre esteve presente em toda a Bíblia. Sendo extremamente honesto — Emprego aqui o termo ‘genocida’ apenas na percepção superficial de quem lê os relatos bíblicos sem a busca pela compreensão. O Deus “genocida” do Antigo Testamento ainda é o mesmo Deus “genocida” no Novo. A diferença? Não estamos no tempo da vingança.

(Utilizo o termo genocida não na definição jurídica moderna, que implica motivações étnicas, raciais ou culturais, mas na percepção superficial e natural de quem lê os relatos bíblicos sem entendimento teológico profundo. Tecnicamente, o termo não se aplica no rigor jurídico ou ontológico, pois trata-

se de juízo moral, espiritual e cósmico, e não de extermínio étnico gratuito. Fecho parênteses.)

Deus, no Novo Testamento, não mudou. Ele apenas estabeleceu um intervalo de graça. Mas esse intervalo não cancela Sua justiça, Sua ira e Seu juízo. Isso é absolutamente claro quando lemos o Apocalipse. Quando Jesus falou com João na ilha de Patmos, Ele não poupou palavras ao dizer que Deus trará Sua ira e Seu juízo contra o pecado e contra seus praticantes. Basta ler.

Portanto, sejamos claros: Deus continua sendo — aos olhos humanos — “cruel” e “sanguinário”. Ele fará exatamente as mesmas coisas que fez no passado, e ousa dizer que será ainda pior, pois está escrito que os homens clamarão para que as montanhas caiam sobre eles, a fim de que não vejam a face daquele que está assentado no trono e nem suportem a Sua ira. (Apocalipse 6:16)

Diante disso, cabe agora compreender o significado de tudo isso.

E quero deixar uma coisa bem clara: não sou do tipo que tenta “justificar” os atos de Deus. Vamos trabalhar com os fatos, com o que está escrito, sem eufemismos nem relativizações.

Deus matou, mata e matará seres humanos de acordo com Sua vontade. Isso é um fato. Agora, a pergunta é: por qual ótica isso deve ser interpretado? Porque, com os olhos humanos e carnavais, isso realmente parece genocídio.

A PRIMEIRA MORTE - GENESIS

Quando Adão e Eva pecaram, perceberam que estavam nus. E a Bíblia nos diz que Deus os vestiu com peles. Para que haja pele, tem que haver morte. Ou seja, a primeira morte registrada nas Escrituras não foi de um ser humano, mas de um animal inocente, uma criatura sem culpa, morta como consequência do pecado humano. Antes do pecado, Deus vestia o homem com Sua glória. Mas, em decorrência da queda, Ele os veste simbolicamente com um manto de sangue.

E aqui surge a chave da teologia bíblica:

- O método de Deus para restaurar a humanidade é através da morte de um inocente.

- O cordeiro morto no Éden é o arquétipo do cordeiro pascal, que culmina no Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo (João 1:29).

Portanto, desde Gênesis, Deus estabelece que redenção só existe mediante morte. Isso é explicitado quando Ele diz: “Certamente morrerás.” (Gênesis 2:17). A morte, não é um castigo — é instrumento de purificação e restauração. Basta estudar os rituais do santuário para perceber que não existe perdão sem derramamento de sangue. (Hebreus 9:22)

SANTIDADE, PUREZA E CONTAMINAÇÃO

Analisando o período em que os israelitas estavam no deserto, sendo educados por Deus, extraímos informações valiosas sobre o caráter divino e Sua percepção de justiça. Primeiro, vemos que Deus se preocupa com Seu povo. E, neste contexto, “Seu povo” significa Israel. Ele os liberta do Egito baseado em promessas feitas a Abraão.

De forma resumida, Deus educa os israelitas para que se tornem Seus representantes na Terra. E, para alguém representar outro, é necessário que haja compatibilidade. Por isso, temos uma vasta quantidade de leis detalhando o que é pureza, santidade, justiça e conduta moral — tanto no aspecto ritual quanto no ético.

E aqui surge o ponto central: Somente os israelitas possuíam essas leis. O objetivo final era que, através deles, todos os povos da Terra conhecessem o Deus verdadeiro. Isso fica evidente em trechos como: “O estrangeiro que viver entre vocês deverá seguir estas leis...” (Levítico 18:26)

No entanto, a terra prometida estava habitada por povos cuja cultura, moral e práticas eram radicalmente contrárias aos princípios de Deus.

Esses povos praticavam:

- Sacrifícios de crianças.
- Necromancia.
- Feitiçaria.
- Zoofilia.

- Incesto generalizado.
- Prostituição ritual com violência e estupro.
- O problema não era étnico — era moral, espiritual e ontológico.

Deus precisou remover aquelas culturas para preservar não só a santidade de Israel, mas a própria possibilidade de a humanidade conhecer a Deus. Israel não obedeceu. Misturou-se. Prostituiu-se espiritualmente. E as consequências foram catastróficas.

O FUTURO JUSTIFICA O PASSADO

Vamos falar de “genocídio”? Então falemos com seriedade, não com sentimentalismo moderno. Analisemos Juízes, Isaías, Jeremias, Ezequiel etc...

Em Juízes, vemos que os israelitas jogaram fora toda a Lei de Deus. O próprio texto bíblico afirma: “Naqueles dias, não havia rei em Israel; cada um fazia o que parecia certo aos seus próprios olhos.” (Juízes 21:25)

O resultado? Uma sequência de barbáries, depravações, assassinatos, estupros e corrupção moral. Israel em guerra contra seus próprios irmãos.

Destaco aqui Jefté, que, em um voto precipitado, entrega sua própria filha como sacrifício. Deus não pediu isso. Isso revela o nível de degeneração que Israel atingiu ao adotar práticas pagãs.

O mesmo padrão se repete com Saul:

- Foi escolhido por Deus.
- Quebrou ordens diretas.
- Praticou feitiçaria.
- Tornou-se homicida.

E terminou levando não só sua própria morte, mas também a de sua família.

Fica evidente que a ordem divina de exterminar certos povos não foi genocídio — foi purificação. Foi preservação. Foi proteção do plano redentivo da humanidade.

E aqui entra a pergunta: Se Deus não tivesse ordenado isso, o que teria acontecido?

A resposta é simples: Exatamente o que aconteceu depois, quando Israel desobedeceu. Misturaram-se. Prostituíram-se. Adotaram práticas hediondas. E a própria história de Israel virou um ciclo interminável de juízo, decadência e exílio.

A BONDADÉ DO SENHOR

Mas não se engane: Deus é, sim, extremamente bondoso.

- Veja Rute — uma moabita, de um povo que sacrificava crianças, que foi acolhida por Deus, redimida e tornou-se ancestral de Jesus.
- Veja Jó — nem israelita era, mas Deus o abençoou em dobro por sua fidelidade.
- Veja Gênesis 15 — Deus diz a Abraão que não dará ainda a terra aos seus descendentes, porque “a medida da iniquidade dos amorreus ainda não está cheia.”

Não é difícil perceber que quatrocentos anos de paciência, mesmo diante de práticas abomináveis, são uma demonstração de misericórdia difícil até de conceber segundo os padrões humanos, as custas do sofrimento do próprio povo.

Deus, por sua vez, jamais se manteve em silêncio diante da corrupção humana. Ao longo de toda a história bíblica, desde Gênesis até os últimos profetas, há um padrão constante e inegociável: Deus sempre alertou, exortou, corrigiu e chamou ao arrependimento antes de qualquer juízo ser executado.

O próprio dilúvio, por exemplo, não foi um evento repentino. Durante 120 anos, Noé — chamado de “pregoeiro da justiça” (2 Pedro 2:5) — advertiu sua geração sobre o juízo iminente. Eles não deram ouvidos.

Sodoma e Gomorra foram alvo de destruição, mas antes disso Deus dialogou com Abraão, a ponto de aceitar poupar as cidades caso houvesse ali sequer dez justos (Gênesis 18). Não havia.

Os povos cananeus, cujo juízo foi ordenado na conquista de Canaã, receberam quatro séculos inteiros de prazo, conforme Deus declarou a Abraão: “A medida da iniquidade dos amorreus ainda não está cheia” (Gênesis 15:16). Isso não é tolerância; é misericórdia em níveis quase inconcebíveis para a lógica humana.

Israel, por sua vez, é o maior exemplo desse padrão. Deus não só deu Sua Lei, mas também instituiu um sistema inteiro de sacrifícios, mediação sacerdotal, festas e rituais, todos voltados a constantemente lembrar o povo de sua condição e de seu chamado. Mesmo assim, Israel quebrou aliança inúmeras vezes. E qual foi a resposta de Deus? Levantou profetas. Muitos. Sem cessar.

Desde Moisés até Malaquias, passando por nomes como Elias, Eliseu, Isaías, Jeremias, Ezequiel, Oséias, Amós, Miquéias, e tantos outros — todos com uma mensagem uníssona: “Arrependam-se. Voltem-se para o Senhor. Abandonem os seus pecados. Caso contrário, o juízo virá.”

O próprio Deus, por meio do profeta Ezequiel, declarou de forma categórica: “Acaso tenho eu prazer na morte do ímpio? — diz o Senhor Deus — e não antes que ele se converta dos seus caminhos e viva?” (Ezequiel 18:23)

O padrão é claro, absoluto e inegociável: Deus só executa juízo depois de ampla, contínua e reiterada oferta de misericórdia, graça e oportunidade de arrependimento.

Aliás, quando o próprio povo de Nínive — que era pagão, cruel e inimigo declarado de Israel — se arrependeu sob a pregação relutante de Jonas, Deus imediatamente cancelou o juízo que havia decretado. E Jonas ficou indignado, justamente porque conhecia o caráter de Deus, ele expressa: “Ah, Senhor! Não foi isso que eu disse quando ainda estava em minha terra? Foi por isso que me apressei em fugir para Társis. Pois eu sabia que Tu és Deus misericordioso, compassivo, tardio em irar-se e grande em benignidade, e que Te arrependes do mal.” (Jonas 4:2)

Essa é a estrutura da justiça divina. Não é uma justiça fria, arbitrária ou impulsiva, mas sim uma justiça que anda de mãos dadas com a misericórdia, com a longanimidade e com o amor.

Portanto, qualquer leitura dos juízos divinos sem considerar esse contexto — essa paciência quase escandalosa — é uma leitura míope, rasa e desonesta diante do próprio texto bíblico.

E como forma de resposta aos descrentes que se sustentam nessa linha de argumentação eu digo: “Você acha que Deus era cruel no passado? Isso é porque você não faz ideia do que Ele vai fazer no futuro.” Assim eu termino a minha análise, nisto espero poder contribuir com a sua fé em um Deus paradoxalmente capaz de ser Justo e Bondoso, e não com as suas crenças levianas em um deus que ama mas não pune.